

Lucia Laguna

Se hace camino al andar

A relação entre pintura e paisagem é notadamente uma das questões mais recorrentes do campo da arte, há séculos. Na obra de Lucia Laguna, a observação do mundo que compõe o entorno de seu ateliê, no bairro de São Francisco Xavier, Zona Norte do Rio de Janeiro, é chave essencial para a compreensão de sua pintura.

Há cerca de duas décadas, a produção da artista é norteadada pela divisão em três séries – Paisagens, Jardins e Estúdio – que evidenciam a quase total indissociabilidade entre sua prática artística e a vivência de seu ateliê. Se hace camino al andar, primeira exposição da artista no Rio de Janeiro desde sua individual no Museu de Arte do Rio (MAR), em 2016, apresenta um conjunto de pinturas inéditas de sua série de Jardins.

A escolha pela observação da vegetação de sua casa-ateliê como itinerário criativo para a feitura destas novas pinturas deu-se tanto como sintoma quanto diagnóstico dos tempos recentes. Logo no início da pandemia, Laguna viu-se obrigada a paralisar as atividades de seu ateliê, permanecendo cerca de quatro meses sem trabalhar junto de seus assistentes. Neste ínterim, restrita ao perímetro de sua casa, a artista elegeu seu jardim como inspiração possível, paisagem mais próxima responsável pela retomada de seu processo pictórico em meados do ano passado.

Produzidas desde então, as dez pinturas que compõem a exposição formam um poderoso conjunto de composições marcadas pela densidade de elementos e a profusão de figuras. Segundo a própria artista, seus Jardins são pensados como paisagens vistas por uma espécie de “zoom” ocular, uma lente de aumento pela qual a artista deixa que desabrochem plantas, flores, animais e afins. Tal efeito de aproximação é fruto do aperfeiçoamento de técnicas antes pouco exploradas na prática da artista.

Nestas novas pinturas, Laguna frequentemente faz uso de “máscaras”, áreas da pintura delimitadas por fita adesiva e pintadas de branco, sobre as quais são realizados desenhos e outras intervenções figurativas. Quando retiradas as fitas, algo similar a um trompe-l'oeil acontece, um jogo ótico em que tais figuras ganham efeito de colagens sobre a tela, destacadas em primeiro plano e ainda delicadamente contornadas por respiros de branco. Janelas abertas para possibilidades de observação ainda mais minuciosas, precisas.

A força destas obras em conjunto, no entanto, não diminui a riqueza individual de cada uma, revelada em suas (literalmente) múltiplas camadas. Cada pintura de Laguna é dotada de um léxico particular, no que toca sua fatura, processo e o uso dos diferentes materiais empregados nelas. O jardim de sua casa, espaço de observação atenta da artista, pode até permanecer invariavelmente o mesmo. Já a sua transposição para o plano pictórico se dá sempre através de uma nova caminhada, de cores, ritmo e temperaturas específicas.

Se sempre esteve em jogo na obra de Lucia um peculiar hibridismo entre abstração e figuração, nesta nova série tal relação aparece ainda mais intrincada, complexa. Ao passo em que a tinta a óleo é muitas vezes responsável por pinceladas mais encorpadas, onde vislumbram-se concentrações de vegetação, é a tinta acrílica que dá conta dos muitos vestígios figurativos das pinturas – como o cachorro que aparece em Jardim n. 53 e o gambá de Jardim n. 52. Além dos Jardins, completam a exposição três pinturas em pequeno formato, escala que remete a alguns dos primeiros experimentos pictóricos da artista, ainda nos anos 1990.

Se hace camino al andar, verso retirado de um poema de 1939 do espanhol Antonio Machado, empresta título à exposição ao deflagrar poeticamente o processo de Laguna. Em um modelo colaborativo de pintura, a artista permite que seus assistentes iniciem o trabalho nas telas ainda vazias, onde delimitam planos e inserem primeiros sinais e desenhos sobre elas. A artista assume, então, o comando de uma deambulação que se dá pela adição e subtração constante do que está na superfície da pintura. É desta caminhada pelo plano que resultam suas engenhosas composições, verdadeiros palimpsestos dos dias que se passam. Jardim e pintura fundem-se, confundem-se, tornam-se organismos análogos, ambos vivos.